

Acerca de Alfredo Pimenta

Vem aí o centenário do nascimento de Alfredo Pimenta. Para que se não diga que os mortos são depressa esquecidos, divaguemos um pouco sobre o que foi o eminente polígrafo e polemista de nossos tempos.

O Dr. Alfredo Augusto Lopes Pimenta nasceu em 3 de Dezembro de 1882, viu a luz do dia na Casa de Penouços, freguesia de Aldão, subúrbios de Guimarães, e ali foi criado, escasseando as notícias da sua ascendência e da sua infância.

Sabe-se apenas que iniciou o seu curso secundário no colégio de Guimarães, mas frequentou também os liceus de Braga e Viana do Castelo, o que já faz pensar no feitio irrequieto da sua pessoa.

Escolar de Direito na Universidade de Coimbra, em breve abandonou aquele estudo, para se dedicar ao jornalismo, mas, cinco anos depois, a conselho de Teófilo Braga, regressa a Coimbra, para continuar e ultimar o seu curso jurídico.

Entretanto, já por feitio próprio, já por influência do seu querido companheiro e condiscípulo Francisco Lucena, deixa-se embalar em sonhos de livre anarquismo, sem autoridade e sem fé. Porém, como dizia mais tarde na «*Evolução dum pensamento*», ambos aqueles escolares de cérebro febril haviam de reconhecer que «o homem sem fé nada vê, nada sabe, nada pode».

Estavam ainda frescos o vexame da nação, pelo ultimato inglês de 1890, e a dor sofrida pelos vencidos da revolta de 31 de Janeiro de 1891. Então, os dois escolares amigos abandonam aquela atitude extremista e aderem à causa republicana, já em grande efervescência revolucionária, prestes a eclodir vitoriosamente em 5 de Outubro de 1910.

Formado em Direito, Alfredo Pimenta foi então professor provisório do Liceu Passos Manuel, de Lisboa, durante os anos de 1911 a 1913. Mas, também não era o sossego da vida professoral que o satisfazia, por quanto se sentia com asas para voar mais alto, na investigação histórica, na discussão filosófica, no duelo polémico. Cumpre dizer desde já que este homem, votado às refre-

gas e às discussões mais ou menos violentas, não era estranho à acção das musas. Sem dúvida, Alfredo Pimenta foi principalmente um lutador, mas, nos intervalos das refregas, na solidão do seu gabinete, ele tomou sentidamente atitudes de poeta, que o não deixaram ficar mal.

Em «*Alma ajoelhada*», publicada em 1914, enternecidamente exclama:

«Que linda vai a noite! Ai quem pudera
Ter na hora da morte, uma noite assim!
Verão, outono, inverno, primavera,
Ai quem me dera
Que esta noite de luar jamais tivesse fim!»

Poeta inspirado, verseja com perfeição, como se pode ver em «*Ultimos ecos dum violino*»:

«Em noite incerta, a soluçar, vacilo
E com receios negros me enveneno...
Quem inquietou meu coração tranquilo,
Quem perturbou o meu olhar sereno?»

Ou ainda:

«Havia pombas no Céu
Tantas pombas, tantas eram
Que o espaço do Céu encheram
E o Céu todo embranqueceram»

E também:

«Em frente à minha casa, há uma capela
Com adro e alpendre, adonde eu vou rezar
À Senhora que vive dentro dela
E é a Nossa Senhora do lugar»

Dotado dum espírito essencialmente lutador, a sua alma de poeta revela-se na profunda admiração que nutre por Guerra Junqueiro, cuja memória enaltece no mais alto grau. Todavia, lamentando que a 4.^a edição da «*Pátria*» não mostrasse a conversão ao Cristianismo, conforme o poeta manifestara por seu pulso, logo

Pimenta caustica severamente em «*Guerra Junqueiro*»: «Estes bárbaros, que só podem viver a vida das toupeiras ou dos morcegos, são incapazes de compreender o que se passa nos meandros da subtil transformação moral duma Alma que, ainda na terra, já contempla a vastidão infinita da Eternidade, antevendo o deslumbramento de Deus».

Mas, não foi como poeta que Alfredo Pimenta se tornou mais conhecido. Poeta, jornalista, conferencista, historiador, filósofo, funcionário público, tudo isso ele foi, em boa medida, mas a faceta que sobressai, na sua vida multimoda, é a de polemista vigoroso.

É enorme a obra que produziu. Conquanto não fossem numerosos os seus trabalhos de síntese, apresentados com certa extensão de matéria, em ordem cronológica, em compensação, são ás centenas as monografias, sobre os mais diversos assuntos, especialmente sobre assuntos históricos.

Toda a actividade literária de A. Pimenta dimana de dois princípios fundamentais: a ânsia de rebuscar nas bibliotecas, investigar, remexer e apreender, e a vontade, sempre manifesta, de transmitir ao público os resultados das suas investigações.

Para compreender melhor a actividade literária de A. Pimenta, é preciso tomar conhecimento da evolução política que ia sofrendo o seu pensamento.

Dissemos acima que, aderindo à causa republicana, exercera o magistério liceal, e, em 1913, ainda nós o vimos num comício do partido Evolucionista, em Coimbra, ao lado do Dr. António José de Almeida. Já então mostrava um certo cepticismo quanto à condução da política republicana, tais eram os efeitos deletérios de conspiratas e revoluções, em contraste com o imobilismo dos governos.

De aqui nasceu a iniciativa de o Presidente Manuel de Arriaga experimentar a tentativa ditatorial do General Pimenta de Castro, que ficou afogada em vasta sangueira, em 14 de Maio de 1915.

A. Pimenta, desiludido com os últimos acontecimentos e descrente da forma republicana, resolve arvorar-se em grande paladino da restauração monárquica. Aqui teve início uma certa onda de antipatia e de guerra contra A. Pimenta. Se, todavia, considerarmos que não era fácil, nem rápida, uma restauração da Monarquia, concluiremos por admitir o desinteresse de Pimenta, em contraste com as atitudes interesseiras de tantas e tantas gentes por aquela época, quando voltaram costas às suas responsabilidades de monárquicos e se puseram de joelhos perante o sol nascente.

Não foram porém as suas atitudes políticas que lhe grangearam o maior número de más vontades. Foi antes o seu vigor combativo, a paixão das suas ideias, o carácter autoritário das suas opiniões. Por vezes, o ardor do combate cegava-o e levava-o a caracterizar, no adversário, erros e defeitos, de que ele não era isento. Apontemos um exemplo.

Na «*História de Portugal do Senhor António Sérgio*», A. Pimenta arguiu aquele autor de apresentar os factos históricos de maneira a defender os seus princípios políticos. No ardor da refrega, conclui: «Sérgio pensa demasiado, mas sabe pouco».

Depois, para aniquilar o adversário apela para um terceiro intelectual, Abel Salazar, o qual teria dito: «António Sérgio não passa dum *bluff*, dum comediante intelectual, dum tartufo, dum plagiador».

É caso para o analista imparcial tratar de inquirir se A. Pimenta, como historiador, não sofreu do mesmo mal, puxando demasiadamente a brasa à sua sardinha.

Nos «*Elementos de História de Portugal*», A. Pimenta dá largas à história política, analisando homens e acontecimentos através da sua lente política e religiosa, que o leva a escrever, a propósito do célebre estadista reformador, Marquês de Pombal: «*Uma preocupação, uma só, e essa bem viva, bem manifesta, quase a transformar-se em mania, que o acompanha desde a primeira hora do seu governo: a de perseguir a Companhia de Jesus*».

Ocorreria perguntar a A. Pimenta: Seria aquela mania uma doença infecto-contagiosa, que se contaminaria aos governos da França, Espanha e dos Estados italianos, que ordenaram a mesma expulsão da mesma Companhia? Seria aquela mesma mania que contagiaria o Papa Clemente XIV, que dissolveu a dita Companhia? Seria aquela mesma mania que presidiu à reconstrução de Lisboa, ao estabelecimento de tantas fábricas, à reorganização do Exército e a todas as reformas de instrução, decretadas 15 anos depois da expulsão da Companhia?

E, não obstante, os «*Elementos de História de Portugal*» são, como trabalho de síntese, uma das melhores obras deste autor. Nela se revela a avidez e o cuidado do investigador quando se dispõe a seriar, por ordem cronológica, todas as reuniões de Cortes, durante as quatro Dinastias Reais. Foi um trabalho exaustivo, em cujo Prefácio o autor diz que escrevia durante 10 horas em cada dia.

Noutra obra, «*Idade Média*», o autor diz que foi o conheci-

mento da História que lhe operou a desilusão das filosofias e que lhe firmou as suas convicções políticas. Para ele, paciente investigador dos arquivos, a História consiste nos textos, não passa além deles, nem fica aquém deles. E, à luz destes princípios, passa à feira as suas indagações: os cargos na Corte de D. Afonso I; a batalha de Ourique; Pedro Afonso, bastardo de D. Afonso I; a Santa Verónica da Colegiada de Guimarães; o foral de Figueiró dos Vinhos; a eleição dos Papas no Século XI, etc., etc.. São outros tantos temas, que servem para aclarar várias partes da História Nacional.

Em «*Fuero Real de Afonso X, o Sábio*» faz uma tradução do notável diploma régio castelhano, assente principalmente no Direito Romano e no Direito Visigótico e mostra que na publicação do *Fuero* teve interferência a infanta D. Branca, primogénita do nosso Afonso III e neta de Afonso X.

Continuando a referir-nos aos trabalhos de síntese de A. Pimenta devemos agora mencionar os «Forais medievais».

Aqui diz que o foral de Afonso I alude aos sacrifícios de Guimarães durante o cerco, mas acrescenta que não merece confiança absoluta, porque só é conhecida uma *cópia* do original. Da mesma forma, não se conhecem as datas das *confirmações* de D. Afonso II e D. Afonso III.

«*D. João III*» é outra obra em que o autor procura rebater a atmosfera de misticismo e rancor, criada à volta do mesmo soberano por certos autores. «O rei, — acrescenta, — era naturalmente bondoso e patriota e foi na sua Corte que brilhou a melhor pléiade de poetas e escritores: Camões, Bernardim Ribeiro, António Ferreira, Pedro de Andrade Caminha, Jerónimo Osório».

Entretanto A. Pimenta vem reformando os seus princípios filosóficos, dá a sua adesão parcial ao Positivismo científico, porque sempre sobrepôs o *saber* ao *pensamento*, segundo declara em «*Novos Estudos Filosóficos e Críticos*». É nesta obra que rebate Delfim Guimarães, quando confunde numa só pessoa os dois autores Bernardim Ribeiro e Cristovam Falcão; apoiando-se no linhagista D. António de Lima, assegura que Cristovam Falcão existiu e foi trovador.

Esta obra foi oferecida a Ricardo Jorge, por quem A. Pimenta manifesta a maior admiração. Vem a propósito dizer que, ao contrário do que o vulgo pensava, A. Pimenta não lutava contra tudo e contra todos.

Téófilo Braga, José Leite de Vasconcelos, Carolina Micaelis e

Ricardo Jorge foram seus contemporâneos e a todos admirou e respeitou.

Acerca das obras de síntese, falta-nos falar de «*Os historiadores de Alcobça*». Nesta obra, o autor enaltece principalmente Fr. Antnio Brandão, o qual, pelo rigor das suas investigações, merece o nome de fundador da História de Portugal. Admira Fr. Bernardo de Brito, como estilista, mas não como historiador, porque falsificou e alterou muitos documentos. Refere-se depois a outros bernardos escritores, elogiando especialmente Fr. Bernardo de S. Boaventura, que já merecera os maiores encómios por parte de João Pedro Ribeiro.

Poeta, historiador, funcionário público, jornalista e panfletário, pedagogo, conferencista, tudo isso foi A. Pimenta, em medida de nunca ficar mal colocado. Todavia, a faceta que sobressai é sem dúvida a de panfletário aguerrido, de lutador incansável, que terçava armas com qualquer opositor das suas ideias.

São às centenas os artigos, opúsculos e panfletos que A. Pimenta publicou. Na impossibilidade de os enumerar na sua totalidade, vamos apenas referir-nos àqueles que despertaram maior curiosidade pública.

É preciso dizer que, á medida que os anos iam passando, e apesar do seu feitio rebarbativo e inconformista, A. Pimenta ía recebendo dos poderes públicos as provas de apreço a que tinha direito. Assim, em 1931 foi nomeado director do Arquivo Municipal de Guimarães. Foi sócio fundador do Instituto Português de Arqueologia, História e Etnografia, e também da Academia Portuguesa da História (1937).

Conservador do Arquivo Nacional da Torre do Tombo desde 1931, é nomeado em 1932 vogal da Comissão do Conselho Superior de Instrução Pública e em 1949 director da mesma Torre do Tombo.

Indiquemos agora alguns dos opúsculos, que levantaram maior celeuma, e comecemos pelos «*Estudos filosóficos e Críticos*». No Prefácio deste trabalho, Ricardo Jorge diz: «*Alfredo Pimenta esse foragiu-se e alcandorou-se numa torre de marfim. Eremita de crença e erudição entranhadas, como beneditino colado ao hábito e à estante, enquistou-se na sua cela, mas janelando-a na amplidão para que a luz dos horizontes a banhe de lés a lés*».

Neste trabalho, o autor transcreve os artigos que durante alguns anos publicou no «Diário de Notícias», sob a epígrafe «*Cultura Estrangeira e Cultura Portuguesa*». Compreende numerosos temas

sobre Filosofia Geral, Santo Agostinho, Taine, Avicena, o Tomismo, a responsabilidade penal, etc., etc..

Em dois trabalhos «*Para a História das relações entre Portugal e Alemanha*» e «*Portugal e Alemanha*» (1940), em polémica com José de Arruela, o autor procura demonstrar que Portugal nunca teve razões de queixa contra a Alemanha. A propósito da Baía de Quionga diz que nunca houvera concordância, entre os governos de Portugal e Alemanha, acerca do limite septentrional de Moçambique. Mas o autor não lembra que a Alemanha se colocou contra nós na questão do Zaire, quando se constituiu o Estado Livre do Congo.

Em «*Contra o Comunismo*», o autor reuniu vários artigos publicados no jornal «*A Voz*» e acrescenta: «*Assim entendi que o interesse superior do meu país me impunha o dever de erguer a voz, no meio dum silêncio quase geral e remar contra a maré numa atmosfera de quase conformismo com o mal comunista...*».

Dissemos acima que A. Pimenta fora nomeado titular fundador da Academia Portuguesa da História, em 1937. Não se conformara A. Pimenta com o direito de incluir as suas comunicações, numa ordem natural de oradores. Queria mais, e, dada a pujança da sua produção histórica, pretendia fazer uma comunicação, em todas as sessões, antes da ordem do dia. Tal exigência não era compatível com os Estatutos e por isso ele abandonou a Academia. Por esse motivo e porque publicamente hostilizou a Academia da História, esta acabou por expulsá-lo.

Esta é a matéria que consta dos opúsculos dedicados à mesma Academia, mas não podemos concordar com o carácter extremamente voluntarioso de A. Pimenta, que o levava a confiar demasiadamente na pujança do seu valor intelectual. E tão longe foi que, no prefácio da sua obra «*Idade Média (Problemas e Soluções)*», e por conseguinte para o público em geral, referindo-se à mesma Academia, acrescenta: «*instituição que, tendo nascido torta, torta há-de morrer*».

Então a Academia tomou a razoável atitude de expulsar um académico tão insubmisso e ofensor. Apesar de tudo, algumas décadas decorreram e a Academia Portuguesa da História continua viva e cada vez mais laboriosa.

Colaborador durante alguns anos do jornal católico «*Novidades*», abandona-o, porque, tratando-se dum periódico católico, não devia defender a Democracia porque, em seu entender, «*ela é, por essência filosófica e por natureza específica, anti-católica*».

Por seu feitio imperioso, A. Pimenta revolta-se contra os seus próprios correligionários. Assim, porque ele se inclinava para D. Manuel II, mas António Sardinha preferia D. Duarte Nuno, levanta-se entre os dois uma tal celeuma que leva Pimenta a dizer no «*A propósito de António Sardinha*», que encontrando-o, na Rua do Carmo, e indo para lhe falar, Sardinha lhe exclamou, em altos gritos: «*Não me fale! Não me fale!*»

Era assim Alfredo Pimenta. Em certa altura, contava-se em Lisboa, que encontrando-se, em pleno Chiado, com um dos seus muitos contendores, vieram às vias de facto, o que determinou intervenção da polícia, e, perguntando o agente a A. Pimenta se pretendia alguma coisa do outro senhor, respondeu-lhe: «só desejo que esse senhor aprenda a escrever em Português!»

Em «*Paiva Couceiro*» diz que foi ao seu funeral e que o admirava como militar e como colonialista, não podendo esquecer que o pensamento monárquico teria soçobrado, em certa altura, se não fora a acção de dois homens: Moreira de Almeida e Paiva Couceiro. Porém, a partir de 1935, discordou da acção de Couceiro, porque ele se tornou *demagogo e virulento*.

E a obra de A. Pimenta continuava brava e abundante, subcrevendo todos os seus trabalhos, apesar de tudo, como «titular fundador da Academia Portuguesa da História». Em «*Eugénio de Castro na poesia portuguesa*» reconhece o alto valor do poeta, com quem mantém relações amistosas, mas discorda de *torpezas e imbecilidades* que acompanham a poesia do «*Nascimento de Cristo!...*»

No folheto «*Torre do Tombo*», A. Pimenta reproduz o seu discurso no acto da posse, como director do dito estabelecimento. Nomeado conservador por «Gustavo Cordeiro Ramos, *germanista insigne*,» sempre ali trabalhou com tenacidade durante 18 anos, e se diariamente entrava tarde para o estabelecimento era porque estava em casa a coligir notas, apontamentos e descrições. Nomeado agora director da T. do Tombo pelo ministro Pires de Lima, lamentava encontrar o estabelecimento «*tão desorganizado*». E, sempre autoritário e conciso, assim termina: «*A minha vida, tenho-a passado em trincheira de combate, onde a deslealdade, a antipatia e a má fé são o pão de cada dia, para que possam surpreender-me ainda. Peço a todos lealdade total, obediência sem reservas e boa vontade sem limites*».

Em «*A Política do Centro Católico e a minha resposta ao Senhor*

Bispo de Bragança e Miranda» o autor refere-se uma vez mais a uma prolongada luta entre a Igreja e os monárquicos.

Dizia a Igreja que, desde que se respeitem os direitos sagrados da religião, da consciência e da justiça, a Igreja não manifesta preferência pela República ou pela Monarquia. Mas A. Pimenta, e muitos dos seus correligionários não aceitavam esta indiferença. A. Pimenta respondia que os verdadeiros católicos nunca poderiam compreender o divórcio, a neutralidade religiosa e a Separação do Estado da Igreja, porque «*a Monarquia Portuguesa era irmã histórica e natural da Igreja*».

E, arrogantemente, dirigindo-se ao bispo D. José Lopes de Faria, assim termina: «*Desfiz-lhe os erros, comprimi-lhe as tolices, passei sobre as injúrias*».

Finalmente diremos que em «*Três verdades vencidas: Deus, Patria e Rei*», A. Pimenta, alguns meses antes de morrer, dizia que a Democracia tinha vencido as três verdades, e que nem os Papas se salvariam, porque o último a ver claro fora Pio X e agora exaltavam a Democracia.

No mesmo trabalho, defende o Cardeal Cerejeira de ataques injustos, quando o acusavam de fascista. Ali acrescenta ainda que o Estado Novo, como organização política era um equívoco, por que na verdade era Salazar. Chamar a este homem o mais notável dos estadistas contemporâneos «*não o engrandece, dada a mediocridade, que caracteriza todos os governantes do nosso tempo*».

Porque falava assim A. Pimenta? A razão era simples. Era porque findara, havia pouco tempo, a Segunda Guerra Mundial, com a derrota da Alemanha, e Pimenta fora um exaltado e apaixonado germanófilo.

Em 15 de Outubro de 1950, com 68 anos de vida, falecia em Lisboa o insigne historiador e infatigável combatente das letras. Trasladado para Guimarães, sua terra natal, ficou jazendo na capela da Madre de Deus.

E ficamo-nos por aqui, porque seria um nunca acabar, se quiséssemos referir-nos a cada um dos artigos e panfletos, que A. Pimenta publicou às centenas.

E agora, expostos sucintamente alguns tópicos da vida e obra de Alfredo Pimenta é justo que formulemos esta pergunta: Que lição ou lições podemos tirar da biografia deste homem?

A nosso ver, o conhecimento da vida e obra de Alfredo Pimenta conduz-nos a tirar duas conclusões, uma positiva e outra negativa.

Por um lado há que reconhecer um cérebro privilegiado, uma

capacidade de apreensão e um disciplinado processo de exposição, tudo servido por uma extraordinária capacidade de trabalho.

Mas, por outro lado, temos de admitir que é nocivo um excesso de voluntariedade, quando se pretende exigir e impor que os outros aceitem todas as nossas opiniões ou alvitres.

J. T. Montalvão Machado